

The Museum of Modern Art

A PRIMEIRA GRANDE EXPOSIÇÃO DE TARSILA DO AMARAL NOS EUA COMEMORA O TRABALHO PIONEIRO E A INFLUÊNCIA DURADOURA DA ARTISTA

Tarsila do Amaral: Inventing Modern Art in Brazil **(*Tarsila do Amaral: Inventando a Arte Moderna no Brasil*)**

De 11 de fevereiro a 3 de junho de 2018

Piso 2, Paul J. Sachs Galleries

Pré-estreia para a imprensa: Terça-feira, 6 de fevereiro, 09h30–11h30, com comentários a seguir

NOVA YORK, 31 de janeiro de 2018 – Com ***Tarsila do Amaral: Inventing Modern Art in Brazil*** (***Tarsila do Amaral: Inventando a Arte Moderna no Brasil***), o The Museum of Modern Art apresenta a primeira exposição monográfica nos Estados Unidos dedicada exclusivamente ao trabalho pioneiro de Tarsila do Amaral (artista brasileira, 1886–1973), uma das protagonistas fundadoras do modernismo brasileiro. Em cartaz de 11 de fevereiro a 3 de junho de 2018, a exposição concentra-se na produção da artista desde a década de 1920, retrçando a trajetória de suas contribuições pioneiras em cerca de 120 obras, inclusive pinturas, desenhos, cadernos de esboços e fotografias selecionadas de acervos nos EUA, América Latina e Europa. *Tarsila do Amaral: Inventing Modern Art in Brazil* é organizada pelo The Museum of Modern Art e o Art Institute of Chicago, sob a orientação de Luis Pérez-Oramas, ex-Curador Estrellita Brodsky de Arte Latino-Americana, The Museum of Modern Art, e Stephanie D’Alessandro, ex-Curadora Gary C. and Frances Comer de Arte Moderna Internacional, Art Institute of Chicago; com Karen Grimson, Assistente de Curadoria, Departamento de Desenhos e Gravuras, The Museum of Modern Art. Antes da apresentação em Nova York, a exposição foi mostrada no Art Institute of Chicago de 8 de outubro de 2017 a 7 de janeiro de 2018.

Tarsila do Amaral: Inventing Modern Art in Brazil explora a visão radical de uma artista que influenciou profundamente a prática modernista no Brasil e foi uma figura central para as gerações posteriores de artistas brasileiros trabalhando em diversos meios, desde a literatura e o teatro até moda e música. Uma introdução há muito necessária dessa influente modernista brasileira ao público norte-americano, a exposição passa em revista a carreira de Tarsila, desde as primeiras obras parisienses até as pinturas modernistas emblemáticas que produziu após seu retorno ao Brasil, culminando nas suas obras de grande formato, com cunho social, do início da década de 1930. No cerne da exposição destaca-se o reencontro de três quadros marcantes – *A negra* (1923), *Abaporu* (1928) e *Antropofagia* (1929) – em uma série transformativa de obras que não são expostas juntas na América do Norte desde 1993, quando fizeram parte da exposição *Artistas Latino-Americanos do Século XX*, no MoMA.

Nascida em 1886 no município rural de Capivari, no interior do Estado de São Paulo, Tarsila –

MoMA

como é afetuosamente conhecida no Brasil – cresceu em meio à burguesia fazendeira. Transitando nos círculos cosmopolitas de São Paulo e Paris, frequentou a Académie Julian, uma escola de arte que atraía muitos estudantes internacionais em Paris.

1922–1927: De São Paulo a Paris, ida e volta

Tarsila foi uma ausência conspícua durante a seminal Semana de Arte Moderna em São Paulo, em fevereiro de 1922. De volta ao Brasil em junho de 1922, a artista Anita Malfatti, uma amiga, apresentou Tarsila ao núcleo do movimento modernista: os poetas Mário de Andrade, Paulo Menotti del Picchia e Oswald de Andrade. A este último, Tarsila causou um fascínio imediato. Juntos formaram o Grupo dos Cinco, uma roda tumultuosa e estimulante que discutia poesia e o estado das artes no Brasil. No fim do ano, Tarsila retornou a Paris, onde Oswald foi encontrá-la.

Durante o ano de 1923, Tarsila estudou nos ateliers de mestres cubistas franceses como André Lhote, Albert Gleizes e Fernand Léger. Esses aprendizados levaram-na à conclusão de que “O cubismo é o exercício militar do artista. Todo artista, para ser forte, deve passar por ele.” Integrando os seus novos conhecimentos, Tarsila começou a formular o que viria a ser o seu estilo característico de pintura, empregando linhas sintéticas, volumes sensuais e uma suntuosa paleta de cores para retratar paisagens e cenas do cotidiano. Em uma carta à sua família nesse ano, Tarsila relatou: “Sinto-me cada vez mais brasileira: quero ser a pintora de minha terra. ... Quero, na arte, ser a caipirinha de São Bernardo.” O quadro *A negra*, desse ano, que faz parte da exposição, sugere essas ambições. De volta ao Brasil em 1923, Tarsila buscou inspiração na terra, paisagens e povo do seu país, mesclando as inovações da vanguarda europeia e a sensibilidade do vernáculo brasileiro para produzir um conjunto distinto de obras tão pessoais quanto originais.

Em fevereiro de 1924, Tarsila e Oswald viajaram ao Rio de Janeiro com o poeta Suíço Blaise Cendrars para participar das festividades do Carnaval. Durante a viagem, Tarsila esboçou os desenhos que viriam a ilustrar o livro *Feuilles de route*, de Cendrars, publicado nesse ano em Paris, com um desenho de *A Negra*, de Tarsila, na capa. Nessa época, Tarsila também pintou *Carnaval em Madureira* e *A Cuca*, que descreveu como “um quadro bem brasileiro”. Em abril de 1924, viajou com Oswald, Cendrars e outros amigos para Minas Gerais para visitar as cidades coloniais no percurso até Belo Horizonte, a capital do Estado. A exposição inclui uma seleção dos vários esboços que Tarsila fez durante essa viagem. Alguns resultaram em pinturas posteriores, como *Lagoa Santa*, também exposta. O “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”, que Oswald havia publicado pela primeira vez um mês antes, em uma edição do jornal *Correio da Manhã*, clamava a renovação da língua e o retorno ao seu estado primitivo. A produção de Tarsila nesse período, conhecido como a fase Pau-Brasil, reflete o projeto de Oswald.

Em setembro, Tarsila e Oswald – batizados por Mário de Andrade como “Tarsiwald” – voltaram a Paris e ficaram noivos no fim do ano. Após a primeira exposição individual de Tarsila, na Galerie Percier de Paris, em junho de 1926, e uma viagem ao Oriente Médio, Tarsila e Oswald casaram-se em 30 de outubro de 1926 e retornaram a São Paulo. Dividindo a sua

vida entre a fazenda e a cidade, Tarsila imbuíu as suas pinturas com um tom mais sonhador (como se vê em *O Sono*, 1928) e uma tendência cada vez mais surrealista (*Urutu*, 1928).

Antropofagia e mais

Uma das obras centrais da exposição é *Abaporu*, que Tarsila pintou em 1928 para Oswald, mostrando uma figura alongada com um cacto. O título combina duas palavras do idioma dos índios tupi-guarani: *aba* (homem) e *poru* (“que come carne humana”). Essa tela inspirou Oswald a escrever o “Manifesto Antropófago”. Publicada em maio desse ano na primeira edição da *Revista de Antropofagia*, o quadro de Tarsila rapidamente se tornou o estandarte de um movimento artístico transformativo que imaginou uma cultura brasileira emergindo da digestão simbólica – ou do “canibalismo” artístico – de influências externas.

Em junho, a segunda exposição individual de Tarsila foi inaugurada na Galerie Percier em Paris. Após um par de exposições individuais de estreia em 1929 (em São Paulo e no Rio de Janeiro), Tarsila separou-se de Oswald, que havia começado um caso com uma jovem atriz. A exposição inclui a única pintura que produziu em 1930 – *Figura só* – um autorretrato metafórico, de costas para o espectador e com o olhar voltado à imensidão sublime da paisagem, os cabelos estendendo-se para fora da tela. O quadro marca o fim do período mais prolífico da carreira de Tarsila, quando suas pinturas e desenhos tornaram-se ícones visuais da identidade moderna do Brasil. A mostra também inclui *Estudo de composição (Figura só) III* (1930), a primeira obra de Tarsila a integrar o acervo do MoMA.

À medida que o Brasil afundava na ditadura nacionalista de Getúlio Vargas, Tarsila, fascinada pelo que ocorria na União Soviética, adotou o Marxismo. Juntamente com seu novo namorado, Osório César, viajou à Rússia, onde teve uma exposição individual. No retorno, foi presa por um mês pelas suas convicções esquerdistas. Depois desse episódio, Tarsila abandonou a representação imaginativa da natureza e adotou uma forma de expressão com uma temática mais social. Um exemplo incluído na exposição é o quadro *Operários* (1933), um retrato em grupo de operários com as chaminés de uma fábrica como fundo, salientando a diversidade da sociedade brasileira.

Nas décadas de 1960 e 1970, uma nova geração de artistas brasileiros (como Lygia Clark e Hélio Oiticica), seguida dos artistas associados ao movimento Tropicália (como os músicos Caetano Veloso e Gilberto Gil), redescobriram a Antropofagia e a arte de Tarsila.

PATROCÍNIO:

A exposição em Nova York conta com o importante apoio do Conselho Internacional do The Museum of Modern Art, do The Modern Women’s Fund e da Vicky and Joseph Safra Foundation.

Doações generosas também foram feitas por Clarice Oliveira Tavares, Yvonne Dadoo Ader e o Consulado Geral do Brasil em Nova York.

O Fundo Anual de Exposição oferece apoio adicional.

PUBLICAÇÃO:

A exposição será acompanhada de um catálogo ricamente ilustrado apresentando pinturas, desenhos, cartas e fotografias de Tarsila e oferecendo uma resenha completa desse período crítico de sua carreira. Os ensaios de Luis Pérez-Oramas e Stephanie D’Alessandro examinam a produção da artista na década de 1920 e seu duradouro legado, com uma seção documental ilustrada, traduções de textos críticos, uma cronologia e uma extensa bibliografia. 192 páginas, 176 ilustrações em cores e oito em preto e branco. Capa dura: US\$ 50. ISBN: 9780300228618. Publicado pelo Art Institute of Chicago e distribuído pela Yale University Press. Disponível nas Lojas MoMA e na Internet, em store.moma.org.

GUIA AUDIOFÔNICO:

O guia audiodifônico da exposição inclui comentários de Luis Pérez-Oramas, curador da mostra, e citações da artista. O MoMA Audio está disponível para *streaming* e *download* no aplicativo gratuito do MoMA, disponível no iTunes, em moma.org/audio, e grátis no MoMA.

O MoMA Audio conta com o apoio da Bloomberg Philanthropies.

CURSO NO MOMA:

Introdução à Arte Moderna Brasileira

Quintas-feiras, dias 15, 22 e 29 de março e 5 de abril, das 19h00 às 20h50.

Instrutora: Karen Grimson

Esse curso oferece uma visão geral dos artistas e das obras que radicalizaram o cenário das artes plásticas no Brasil durante a primeira metade do Século XX. Concentrando-se no surgimento do modernismo brasileiro durante a seminal Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo, o curso abordará o tema cronologicamente, estabelecendo conexões entre a publicação do “Manifesto Antropófago” em 1928 e a geração subsequente de artistas que reavivaram a influência do movimento nas décadas de 1950 e 1960. O curso dará uma atenção especial à história das exposições de arte brasileira no The Museum of Modern Art – desde a mostra monográfica inicial de Cândido Portinari em 1940 até a recente retrospectiva de Lygia Clark em 2014 – e as obras de arte brasileira que fazem parte do acervo do MoMA. O curso incluirá visitas às galerias do MoMA, assim como à exposição *Tarsila do Amaral: Inventing Modern Art in Brazil*, e aos centros de estudo do MoMA, para que os participantes possam ver em detalhes as obras selecionadas e removidas do depósito especialmente para este curso. *Para obter informações completas sobre programas e inscrição, acesse moma.org/classes. Não associados US\$ 355, Associados US\$ 325, Estudantes/Educadores/Funcionários do MoMA US\$ 250*

Contatos para a imprensa:

Sara Beth Walsh: (212) 708-9747 ou sarabeth_walsh@moma.org

Gabinete de Imprensa do MoMA, pressoffice@moma.org

Para fazer *download* de imagens de alta resolução, inscreva-se em moma.org/press.

Informações para o público:

The Museum of Modern Art, 11 West 53 Street, New York, NY 10019, (212) 708-9400, moma.org. Horário: de sábado a quinta-feira, das 10h30 às 17h30, e às sextas-feiras, das 10:30 às 20h00. Ingresso ao MoMA: US\$ 25 para adultos; US\$ 18 para idosos (65 anos de idade ou mais) com documento; US\$ 14 para estudantes em tempo integral com documento válido. Entrada grátis para associados e crianças com 16 anos de idade ou menos. (Inclui acesso às galerias do MoMA e aos programas filmados). Entrada grátis durante as Noites de Sexta-Feira patrocinadas pela Uniqlo: sextas-feiras, das 16h00 às 20h00. moma.org: Não há taxas de serviço para ingressos comprados em moma.org. Os ingressos comprados na Internet podem ser impressos e apresentados no MoMA sem aguardar na fila. (Inclui acesso às galerias do MoMA e aos programas filmados). Ingressos para filmes e programas noturnos: US\$ 12 para adultos; US\$ 10 para idosos (65 anos de idade ou mais) com documento; US\$ 8 para estudantes em tempo integral com documento válido. O preço do ingresso de um programa noturno pode ser aplicado ao preço de um ingresso ao MoMA ou à anuidade de um novo associado do MoMA no prazo de 30 dias.